



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**MILENE DE SOUSA CORDEIRO**

**A HISTÓRIA ENQUANTO DISCIPLINA ESCOLAR: PRÁTICAS  
INTERDISCIPLINARES EM CATURITÉ - PB**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2015**

**MILENE DE SOUSA CORDEIRO**

**A HISTÓRIA ENQUANTO DISCIPLINA ESCOLAR: PRÁTICAS  
INTERDISCIPLINARES EM CATURITÉ - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

**Orientador:** Prof. Dr. Hipólito de Sousa Lucena

CAMPINA GRANDE – PB  
2015

C794h Cordeiro, Milene de Sousa

A História enquanto disciplina escolar [manuscrito] : práticas interdisciplinares em Caturité - PB / Milene de Sousa Cordeiro. - 2015.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Hipólito de Sousa Lucena, PROEAD".

1.Historia. 2.Práticas. 3.Contexto. 4.Interdisciplinaridade. I.  
Título.

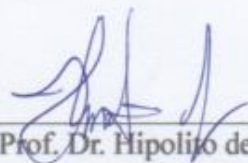
21. ed. CDD 371.009

MILENE DE SOUSA CORDEIRO

**A HISTÓRIA ENQUANTO DISCIPLINA ESCOAR: PRÁTICAS  
INTERDISCIPLINARES EM CATURITÉ, PB.**

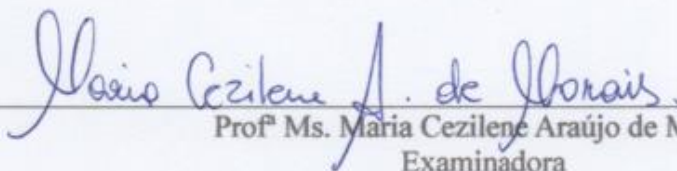
Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 28/02/2015



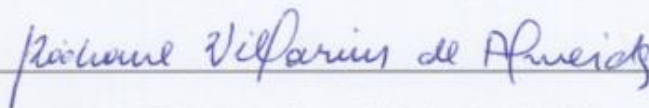
---

Prof. Dr. Hipolito de Sousa Lucena  
Orientador



---

Prof. Ms. Maria Cezilene Araújo de Moraes  
Examinadora



---

Prof. Ms. Rochane Villarim de Almeida  
Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus,**

Por conceder-me mais essa graça alcançada.

**A minha mãe e meu pai,**

Por ensinar-me o caminho da escola através de seus exemplos.

**Aos meus avós,**

Por ensinar com simplicidade o que é essencial.

**Ao meu orientador, Professor Doutor Hipólito de Sousa Lucena,**

Por instigar minha humilde capacidade.

Enfim, a todos, que de alguma forma contribuíram para a realização desse sonho.

## **RESUMO**

A história do ponto de vista curricular, nas últimas décadas, vem sendo analisada. Suas práticas e metodologias, em especial o papel que ela desempenha. Com base neste diagnóstico perceber a metodologia adotada na cidade de Caturité e o trabalho realizado na instituição de ensino Felix Araújo. A partir destas análises entender a evolução do ensino aprendizagem em história é sua fundamental assimilação no debate dos objetivos, refletir o processo de fazer história, como as relações existentes entre indivíduos produzem história. Contextualizar o ensino de história, propondo ao aluno apropriar-se do fato, fazendo parte do estudo, seu contexto analisado e incorporados com maior propriedade, essa experiência incorporada do caráter formador crítico, buscando objetivos e assim formando para a vida, conscientizar o aluno enquanto cidadão, que tem direitos e deveres e é a partir do ambiente escolar que este indivíduo vai formando suas indagações.

Palavras-Chave: Historia. Práticas. Contexto. Interdisciplinaridade.

## **ABSTRACT**

The history of point curriculum view in recent decades has been analyzed. their practices and methodologies, especially the role it plays, Based on this diagnosis realize the methodology adopted in the city of Caturité and the work carried out in educational institution in Felix Araujo educational institution. From these analyzes to understand the evolution of teaching and learning in history is its fundamental goals of assimilation in the debate, reflect the process of making history,as the relationship between individuals produce history. Contextualize the teaching of history, proposing the student appropriates the fact, as part of the study, its context analyzed and incorporated more appropriately, this corporate experience of critical upbringing, seeking goals and thus forming for life,educate the student as a citizen, who has rights and duties and from the school environment that this individual will form their questions.

Keywords: History. Practices. Context. Interdisciplinarity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>1 HISTÓRIA E HISTORICIDADE</b> .....	09
1.1 História como Disciplina Escolar .....	10
1.2 A Organização da Disciplina de História no Brasil .....	12
1.3 Desafios e Necessidades no Ato de Lecionar História .....	14
1.3.1 Desafios .....	14
1.3.2 Necessidades .....	14
<b>2 A CIDADE DE CATURITÉ – PB</b> .....	15
2.1 O Ensino de História na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo – Caturité – PB .....	16
2.2 Relação Ensino-Aprendizagem: Desafios do Ensino de História na Escola Félix Araújo – Caturité – PB .....	17
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	21
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	23
<b>ANEXOS</b> .....	24
Anexo A – Caturité .....	25
Anexo B – Fotos .....	29



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a disciplina de história compreender o processo norteador da história do ponto de vista disciplinar, a fim de perceber seus suas práticas. A partir desta diagnostico perceber a metodologia adotada na cidade de Caturité e o trabalho realizado na instituição de ensino Felix Araújo. A partir destas análises entender a evolução do ensino aprendizagem em história é sua fundamental assimilação no debate dos objetivos, refletir o processo de fazer história, como as relações existentes entre indivíduos produzem história. Contextualizar o ensino de história, propondo ao aluno apropria-se do fato, fazendo parte do estudo, seu contexto analisado e incorporados com maior propriedade, essa experiência incorporada do caráter formador crítico, buscando objetivos e assim formando para a vida, conscientizar o aluno enquanto cidadão, que tem direitos e deveres e é a partir do ambiente escolar que este individuo vai formando suas indagações, o prédio da escola as intermediações ao seu redor, que olhados como patrimônio cultural, sua preservação ou falta de políticas públicas que vai lhe fornecer uma educação para a vida, um olhar sustentável, com base nos trabalhos realizados na escola pelos docentes da disciplina de história e o trabalho interdisciplinar de todo o corpo docente e recursos humanos da escola, a construção do indivíduo cidadão é objetivo da instituição escolar como um todo.

Diagnosticar os problemas enfrentados nesta instituição vai traçar um perfil das condições enfrentadas por parte de docentes e educandos no processo de ensino aprendizagem, perspectivas e desafios na construção de conhecimento.

## 1 HISTÓRIA E HISTORICIDADE

A compreensão do momento histórico a partir de meados do século XIX, neste momento surge a organização da História ciência, separando-a dos fundamentos filosóficos, aqui analisaremos com prioridade o espaço conquistado pelo profissional o historiador e o seu ofício, sem, contudo salientar este como algo isolado aos fatos que o tornam possível, mas a proposta de mostrar a organização como a estrutura da ciência História constitui-se, ao estendermos essa percepção no campo político e social abriria outras discussões e críticas, que anulariam em parte a importância desta para compreendermos a evolução e os retrocessos que permeiam a História enquanto currículo, quais suas especificações, no que estas são necessárias e como limitam o processo de aquisição de conhecimento logo:

Com ou sem razão (sem razão, é indubitável), a filosofia da historia, por não ter sido cultivada apenas por homens bem informados, prudentes e de vigorosa e sadia inteligência, caiu em descrédito(...) Para os que dela desconfiam, como para os que a prezam e cultivam, aqui fica a advertência: dela não cuidaremos aqui. (...)O que nos propomos é examinar as condições e os processos do conhecimento histórico, bem como indicar-lhe o caráter e os limites. Como podemos chegar a saber, o que é possível e o que convém saber? Que é um documento? Como tratar os documentos, em função da obra histórica? Que são os fatos históricos? (LANGLOIS;SEIGNOBOS, 1946, p. 06).

Neste sentido, delimitando os objetos de estudo, enfocando de acordo com a certificação das fontes e a cronologia dos acontecimentos, Langlois e Seignobos (1946) arquitetam a estrutura metodológica para as análises e estudos da área dos acontecimentos, a História científica, o foco seria organizar e registrar os fatos de maneira mais fiel possível e não a formação de atuantes desta, assim coloca Cristiano Alencar Arrais, em *A escola metódica e o conhecimento como problema*:

Neste caso, estaríamos diante de uma teoria da historia. Mas uma teoria da historia cuja preocupação fundamental concentra-se na elaboração dos princípios que regem a pratica profissional e a diferem dos processos instintivos comuns a uma época em que a pratica historiadora começa a ganhar sistematicidade e abandonar o campo da literatura. Daí a necessidade de uma reflexão sobre ométodo“positivo”-i.e.Seguro: ela constitui uma preparação com o intuito de “resistir aos impulsos instintivos” que dominavam a prática erudita dos historiadores de meados do século XIX. Tais impulsos deveriam ser substituídos por um controle metódico e racional dos processos de aquisição de conhecimento. Estamos diante de uma consciente diferenciação entre objeto e método da historia daqueles e das outras ciências já constituídas e não de uma tentativa de apropriação critica.

Esta consciência de identificar na obra de Langlois e Seignobos (1946) o princípio metodológico, na reconstrução das fontes como no proceder da análise destas, sem analisá-la

como produto formador conhecimento, objetivo, este seria neste intuito um manual de como proceder diante das fontes, que já tem uma problemática em torno seus acervos que seria a forma pela qual fora constituída, lembrando que a literatura era concebida de maneira artística e não científica, gerando descrédito nos fatos ali narrados, e é com esta preocupação mais a visão religiosa. Desta forma notava-se a preocupação com a legitimação de ideais sem embasamento teórico, e não a forma que este conhecimento será absorvido, limitado à interpretação de alguém “capacitado”, qual Arrais nos chama atenção.

As críticas à obra de Langlois e Seignobos (1946) pelos que vieram depois é comentada por Arrais e analisada segundo ele. O conhecimento sofre com a carência do processo precedente do fato logo o conhecimento fornecido na escola metódica é vista com problema, vejamos:

E preciso admitir, portanto, que jargões como “O culto preguiçoso do facto”, “[a historia] existe latente, mas já real, nos documentos, mesmo antes de intervir o trabalho do historiador” aproxima-se muito mais um tipo de retórica utilizada na luta simbólica pela autoridade, pela legitimação de um grupo, do que abordagem analítica e propositiva sobre o conhecimento histórico. Os pontos de tensão, as contradições, as reticências e soluções dadas pela obra de Langlois & Seignobos ao problema da historia como disciplina acadêmica são, nesse sentido, mais profundos e seus críticos procuram ou desejam admitir. Menos que uma revolução e mais que um manual ultrapassado, *Introdução aos estudos de históricos* deve ser lido com um olhar mais compreensivo que aquele legado pela geração que lhe sucedeu, vítima de cegueira histórica típico dos parricídios intelectuais.

### **1.1 História como Disciplina Escolar**

Entender a História como disciplina escolar é relacionar sua trajetória do caráter providencialista apoiada na religião, aos debates da Historiografia que, mesmo em divergências dentro do suporte intelectual tradicional europeu, procurou oferecer à disciplina a condição de “ciência positiva”. Neste contexto as ciências de maneira abrangente, influenciadas pela corrente positivista, passam a viabilizar formas fundamentadas nas fontes teóricas o objeto do conhecimento, a metodologia e a didática.

Indagar com ocorre este processo, ao qual julgamos deficiente e descontextualizado na prática da docência, como base norteadora nos dias atuais e analisar ao longo desta tendência mecanizada de criticar a prática do ensino. Logo é necessário assimilar ao longo dos debates, movimentos e demais relações interpessoais que deram origem a esta “metodologia e seu currículo”. Logo vejamos: “Parte das reformas realizadas em vários países europeus relacionavam-se com a retração da presença da igreja católica no sistema de ensino, motivada, principalmente, pela expulsão da companhia de Jesus”.

Analisar a História do ponto de vista curricular é discutir a didática no contexto de espaço e tempo; é pensar na evolução dos processos formativos que originam na cultura fontes e formas desempenhadas em educar cidadãos numa sociedade fruto de organizações governamentais, institucionais, jurídicas e ideológicas, manipulando a estruturação desta, a partir do direcionamento da educação. Entretanto a didática sofre interpretações e adaptações, quando especificado por disciplina e determina o objetivo de sua própria história. Nas instituições, ocorre como uma visão do mundo em desenvolvimento, como processos culturais, construídos por intermédio de lutas e conflitos, desfecho do qual foge do controle do sistema. Assim de maneira limitada as massas participam do momento histórico, mas não da produção historiográficas.

As características do conjunto de conhecimento definidos como História, no universo escola, nem sempre foram as mesmas nem se mantiveram fiéis a uma estrutura de organização semelhante à que conhecemos hoje para as disciplinas escolares. Na verdade, o próprio estudo da história enquanto campo do conhecimento mudou com o tempo, conforme suas relações com o debate científico de uma forma geral e com as ciências humanas em particular. A rigor, somente a partir do século XVIII é que a História começou a adquirir contornos mais precisos, como saber objetivamente elaborado e teoricamente fundamentado. (FONSECA, 2003, p.20-21).

Ainda no século XIX, mesmo com as inquietações iluministas a História ainda continuaria como elemento secundário nos currículos escolares, quais as necessidades deste sistema social e econômico para este cidadão, havia uma preocupação em formar este lado, um ser laico ou “técnico”, de alienado a limitado. A partir desta nova realidade a História é percebida na construção do saber, adquire incentivos para sua análise, passo este que vem a introduzir as primeiras projeções na História ensinada.

Assim como a evolução dos povos e seus sistemas socioculturais, a História enquanto currículo universitário estuda, e no caráter até então de disciplina escolar, direciona sua trajetória desde sua atuação de coadjuvante até sua consolidação como disciplina escolar. Deve ser compreendida, principalmente do termo temporal, daí ter um olhar menos limitado às críticas, e mais construtor ao analisar um componente que molda a sociedade, pois este é fruto de um processo em formação, ainda que já ultrapasse o processo legal, tendo conquistado este ao tornar-se disciplina, alcançando as escolas, mas por outro lado temos as divergências da produção metodológica, acadêmica e a proposta selecionada para compor o livro didático.

A academia preocupa-se na formação intelectual e progressão desta “profissional”, já o professor enquanto mestre na sala de aula depara-se com discursos providencialistas,

voltados aos ideais de nação sugeridos pelo Estado. Estas tendências de legitimação dos interesses da classe possuidora do poder acontecem na Europa e também na América, vejamos:

A afirmação das identidades nacionais e a legitimação dos poderes políticos fizeram com que a história ocupasse posição central no conjunto de disciplinas escolares, pois cabia-lhe apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria.

## **1.2 A Organização da Disciplina de História no Brasil**

A disciplina de História ao longo dos anos expressou um caráter conservador e tradicional acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula, as realidades construídas e, sobretudo, como a metodologia acomodou nesse discurso. Não se pode dizer ao certo até que ponto isso possa ter causado a evasão escolar, pois há de se levar em consideração outras variáveis que implicam no abandono dos alunos à escola.

Entretanto, o que esta pesquisa busca evidenciar são as diferentes visões que permanecem vigentes sobre a disciplina, ora incorporando o sentido transformador e reflexivo, ora ainda sendo tida como “cansativa”, “enfadonha” e “decorativa”. Há de se interrogar ainda, quais os reflexos de tais evidências estão presentes na metodologia, nos planejamentos, enfim, na prática cotidiana em sala de aula. E, não menos importante, é problematizar as interfaces do ensino de História hoje, dentro de seus recuos e avanços.

Entender o processo disciplinar do ensino de história, é suas mudanças a partir da década de 80 do século XX, quando se debatia, por exemplo, a reforma curricular, que estava prevista para substituir a defasada Estudos Sociais, que compactava: ciências geográficas e ciências da sociedade e que, agora, a reforma defendia a criação de duas disciplinas, afim de, separar em áreas o que antes encontravam-se compactada e estruturada na religião, moral e cívica. Assim vejamos:

As mudanças ocorridas no ensino de história nas décadas de 70 e 80 situam-se no movimento historiográfico vivido no Brasil, nas modificações ocorridas no debate acadêmico, no mercado editorial, na pós-graduação, enfim, na produção da História. A História ensinada na Escola Fundamental é dimensão do trabalho especializado dos historiadores, que, ligados ou não às Universidades, participam dos debates acadêmicos e fazem referências diretas à produção historiográfica acadêmica, além, é claro, do papel de formação dos professores que é exercido pelas mesmas Universidades, direta ou indiretamente. (FONSECA, 1993, p. 111).

As transformações no debate voltadas para o social, das Universidades nas décadas de 70 e 80, desperta a necessidade de mudar a visão e a forma de se transmitir a história. Uma corrente historiográfica inspira ares no Brasil. Mesmo diante de tantas manobras: repressão, a privatização do ensino, a exclusão de boa parcela das classes populares das Universidades, o tecnicismo pedagógico institucionalizando o ensino.

A educação que é utilizada como aparato coercitivo aos interesses do sistema, que para isso implementa medidas constitucionais, sanadas com punições aos que infringem a lei, através dos órgãos criados e pensados neste sentido. Analisar a produção historiográfica brasileira não é basear-se a partir da reforma de 1968, mas buscar referências no contexto político brasileiro, que exerceu forte influência sobre este movimento, compreender as categorias já em andamento, sem se restringir aos discursos das universidades.

Não podemos deixar de fora os bastidores destes acontecimentos, ou seja, perder o caráter de plateia. Tornou-se essencial para aqueles que não se interessam apenas pelo espetáculo em si, e no elenco e o cenário; o fato deve ser analisado com propósito maior do que seu resultado, implicando também em relacionar os impactos, as ações involuntárias, envolvimento, interesses, oponentes, oprimidos.

Todo contexto deve ser levado em conta, e principalmente aquele que o determina, as formas, os métodos, etc. O regime sociopolítico é a mola propulsora desta tendência que atuou e perdurou, ao ponto de influenciar as gerações atuais. Desta forma, entender as influências da revolução na produção historiográfica é contextualizar os impactos de dentro para fora, e de fora para dentro de nossa crítica historiografia. Vejamos: “A compreensão desse processo histórico nos aponta para a necessidade de alterar a situação até hoje existente, no sentido de colocar-se a serviço dos interesses das camadas e de um projeto de transformação social” (VASCONCELOS, 2005, p. 117).

Neste ato de proceder, o professor de história é quem produz propostas e debates, visando a transformação através das práticas pedagógicas que venham a instigar o conhecimento, ao contrário dos discursos trabalhados de forma totalmente direcionadas fazendo da disciplina uma prática de legitimação dos interesses de quem detém, o conhecimento baseado na prática discursiva, dando prioridade a fatos que melhor sustentem suas teorias, assim a formação e atuação docente junto com o papel da escola na formação de alunos críticos, ministra aulas em história, deixa de ter um perfil apenas de memória e passa a construí-la também, subsidiar o aluno como ator nesse processo de formação da história e política, entender seu papel no meio ao qual encontra-se inserido e suas atuações como consequência.

### **1.3 Desafios e Necessidades no Ato de Lecionar História**

#### ***1.3.1. Desafios***

Ao ingressar na sala de aula o professor vivência o ‘choque’ de realidade de linguagem e de organização deste sistema, também a expectativa na transição da teoria para prática, sofre com a mudança de posição, enquanto aluno tem consciência do que lhe é exigido e do que deve reivindicar, sendo assim agente ativo na construção do saber. Já no outro papel, o de docente no sistema, diferente de admissão do alunado e até na forma de permanência do mesmo, neste momento o professor da disciplina, aqui de História, encontra um alunado alheio aos objetivos e pouco disponíveis à receptação de conhecimentos e esporadicamente imbuído de curiosidade necessária à construção do conhecimento, pois é necessário entender como algo ocorre, quais os processos por trás do fato, perceber o todo o fato e seu contexto, essa curiosidade que ativa a percepção, funcionando de forma dinâmica que torna possível o aluno buscar a compressão das vivências humanas no espaço e tempo, formando um senso crítico capaz de buscar os porquês.

#### **1.3.2. Necessidades**

Contextualizar regionalmente e estadual seu ambiente de atuação, tendo em vista é parte indispensável do historiador preservar a cultura que o caracteriza, e mantém laços de identidade. Hoje estamos vivendo um momento de aculturação de forma crescente, uma chuva de desinformações, são elas descontextualizadas, recortadas, para assim ter uma melhor “propagação”. A quantidade de fatos fora de seu contexto que chegam a todo tempo leva à sistematização. Quando algumas destas informações chamam atenção e a interiorizamos, construímos um conhecimento limitado, e muitas vezes distorcido de sua realidade de concepção. Tudo isso acontece neste processo de multimídia, pesquisas superficiais, adota-se quase um perfil imparcial aos acontecimentos.

É preciso salientar a necessidade de interagir, ir à fonte. A pesquisa de campo está cada vez menos utilizada. A interação é fator essencial à construção do conhecimento, vai dando lugar às ferramentas de pesquisas online, onde deve estar atento a construções de uma visão já direcionada. Para a realização do saber é preciso apropriar-se do fato, a fim de percebê-lo, assim se percebe.

## 2 A CIDADE DE CATURITÉ – PB

O município de Caturité, localizado na região do Cariri, no passado, início de seu povoamento a então sede, já um povoado importante do município de Boqueirão, destacou-se na produção de algodão, teve sua organização a partir desta atividade econômica agrícola, a qual teve auge e declínio, assim como na cidade de Campina Grande – PB. No mesmo período, Caturité mais tarde também desenvolveu a pecuária, sendo considerada uma das maiores bacias leiteiras da região. A economia baseia-se na prática da agricultura de subsistência, com destaque para o milho, feijão e a criação de gado. Porém, com a seca que assola a região, essas atividades têm se tornado cada vez mais irrealizáveis. Caturité uniu o seu passado histórico ao presente tranquilo, sendo assim um lugar muito bom para viver.

Gentílico: caturiteense

Formação Administrativa

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Campina Grande o distrito de Conceição. Pelo decreto-lei estadual nº 1164, de 15-11-1938, o distrito de Conceição passou a denominar-se Caturité. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Caturité permanece no município de Campina Grande. Por ato das disposições constitucionais transitórias, promulgado em 11-06-1947, transfere o distrito de Caturité do município de Campina Grande para o de Cabaceiras. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955, o distrito de Caturité figura no município de Cabaceiras. Pela lei estadual nº 2078, de 30-04-1959, transfere o distrito de Caturité do município de Cabaceiras para o de Carnoió. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o distrito de Caturité permanece no município de Carnoió. Pela lei estadual nº 2311, de 27-06-1961, o município de Carnoió passou a denominar-se Boqueirão e o distrito de Caturité figura no município de Boqueirão. Assim permanecendo em divisão territorial datada de I-VI-1995. Elevado à categoria de município com a denominação de Caturité, pela lei estadual nº 5900, de 29-04-1994, desmembrado de Boqueirão. Sede no antigo distrito de Caturité. Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1997. Em divisão territorial datada de 15-VII-1997, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. Alteração toponímica distrital Conceição para Caturité alterado, pelo decreto-lei estadual nº 1164, de 15-11-1938. Transferências distritais Por ato das disposições constitucionais transitórias promulgado de 11-06-1947, transfere o distrito de Caturité do município de Campina Grande para o de Cabaceiras. Pela lei estadual nº 2078, de 30-04-1959, transfere o distrito de Caturité do município de Cabaceiras para o de Carnoió. (IBGE, 2014).

A origem do nome Caturité tem como base a lenda do guerreiro Caturité e sua luta com os invasores brancos. Caturité de origem tapuia cariri e os brancos invasores Teodósio de Oliveira Ledo, capitão-mor português. A lenda que é contada através da história oral é centenária e se mantém, sendo repassada nas escolas e fora delas para explicar a origem que dá nome à serra e ao município. Acredita-se que Irineu Joffily, historiador paraibano, em fins do século XIX, foi o primeiro e único a dar versão escrita à lenda de Caturité, por volta de



1889/91, quando publicava sua Gazeta do Sertão a origem do nome Caturité. É preciso dizer que este trabalho não tem como objetivo aprofundar-se sobre a lenda de Caturité e suas circunstâncias de produção, ainda que se perceba que o discurso de Joffily sofra influências, as quais transcreve em seus personagens, notando-se falta de embasamento aos nomes a estes dado (ver texto em anexos).

## **2.1 O Ensino de História na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Félix Araújo, Caturité – PB**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Felix Araújo segundo levantamento dos docentes desta instituição a fim de realizar o pp entre outros projetos, realizam pesquisa da qual sua fundação esta datada em março de 1954 funcionando legalmente através do ato nº 13.744 seu nome Felix Araújo lhe foi dado em homenagem ao político, jornalista e tribuno que faleceu em 1953 vitima de atentado político em Campina Grande aos 30 anos de idade.

A Escola recebe alunos das famílias da zona rural e urbana do município de Caturité e também de municípios vizinhos, representando assim um grande valor educacional, tratando-se da primeira escola da região e única a oferecer ensino médio no município. No ano de 2014 completou 60 anos de atividades educacionais na comunidade. A escola no início de sua formação institucional disponibilizava de quatro salas, uma cozinha, secretaria e dois banheiros, até o final dos anos noventa, quando começou a construir salas dentro do mesmo espaço limitado, um exemplo da prática não planejada, comprovada através de fotos (ver em anexo).

Hoje a escola possui 10 salas de aulas, mais seis outras dependências no mesmo espaço, contando com um acesso externo, o que não é compatível com a quantidade de dependências e alunos recebidos pela mesma. Atende 550 alunos do Fundamental II ao Ensino Médio regular e modalidade EJA, funcionando nos três turnos. Nestes espaços improvisados funcionam: reforço escolar, atendimento especializado e aulas regulares.

A Escola Estadual Felix Araújo está localizada na chegada da cidade Caturité, conta com 65 funcionários, seu recurso humano entre professores, apoio e corpo docente, conta com quatro professores de história destes todos prestadores, uma delas com 10 anos de trabalho na escola e o restante menos de três anos de serviços o que mostra um índice de rotatividade dos profissionais nesta instituição. A direção da escola teve entre dez a quinze diretores diferentes,

não se sabe ao certo por falta de documentos na escola, a professora de História Milene de Sousa Cordeiro está atualmente na direção da referida escola.

## **2.2 Relação Ensino-aprendizagem: Desafios do Ensino de História na Escola Félix Araújo – Caturité – PB**

É indispensável o trabalho em conjunto. A educação deve ser pensada e praticada como um todo. Assim nenhuma disciplina deve ser trabalhada “especificamente” isolada, pois o indivíduo constrói o conhecimento como um todo, ele não acessa como um arquivo isolado. Neste sentido os fundamentos básicos da educação é uma proposta para que todos possam falar a mesma língua, ou seja, trabalhando temas em projetos comuns, realizando uma abordagem interdisciplinar. Temas transversais têm significado relevante na sociedade.

Trabalha de forma contextualizada, mesmo quando nossa sociedade exige uma padronização do conhecimento, priorizando uma memória exterior, ao adotar em seus exames o mesmo conhecimento histórico em todas as regiões. Isso acaba condicionando uma prática de desvalorização da cultura local, sem memória. Logo, mesmo tendo flexibilidade para adaptar de acordo com as necessidades seu plano de curso, o professor tende a continuar com a prática de reproduzir, por motivos sistemáticos, ou mesmo acomodação ao componente curricular.

Neste sentido, perceber a necessidade de valorizar os estudos e pesquisas patrimoniais é apresentarmos Caturité enquanto espaço e suas relações entre o meio e sua representação, imagem. Ao discorrer sobre Caturité, assim como outro espaço a ser "notado", percebe-se a influência mediática, que sempre estará enfatizando seu potencial econômico como algo já estabelecido, assim determinando seu caminho evolutivo.

As possibilidades não entram em evidência, uma prática direcionada, limitando a uma visão geral que a caracteriza. Desta forma, quando se tem uma relação não visualizada, logo não a uma projeção mediática. A imagem, esta não é percebida como símbolo cultural, pois não há uma identificação geral do lugar. Isso não significa que espaços não visualizados, que não constituem um espaço mediático, não tenha uma representação, uma imagem, ou seja, este espaço que não acessa uma memória comum pode ser imagem da memória de um determinado grupo.

Mesmo que a falta de visualização possa o anular como referência ao passar dos tempos, as gerações futuras vão conhecer e se identificar com os condicionados. Neste sentido percebermos espaços que não tínhamos visualizações e outros que não interagimos a

exemplo do mercado, primeiro e único, há muito tempo desativado, este é conhecido apenas pelas gerações mais antigas da cidade, atualmente não tem visualização nem imagem deste espaço, assim como sua importância social.

As novas gerações não têm projeção deste como imagem, sua importância enquanto interação social, sua projeção histórica, a Rua do Mercado de Caturité representa as primeiras construções do povoado, que posteriormente veio a ser emancipada cidade Caturité. No conjunto arquitetônico das primeiras construções notamos a Igreja Católica, esta tem sua imagem visualizada como símbolo de Caturité.

A maioria das construções conserva as características do período de nascimento, quando povoado. Esse início de povoamento não é explorado, visualizado. Logo, não há uma projeção midiática, uma imagem, o que é visualizado é a Serra como imagem de Caturité. Há uma identificação social e cultural com a Serra que dá nome à cidade, a partir de narrativas e estudos sobre as tribos a região. Mas o conhecimento da formação da cidade como mediação social, como se originou o povoado é inerente para a formação de identidade e compreensão de sua existência, pois ela não nasceu da serra, estão ligadas por serem próximas e devido à representação da serra em tamanho. Fez-se referência ao povoado próximo a Serra Caturité, assim povoado de Caturité. Logo vejamos:

A maldição implícita é: queremos que a mídia nos diga algo que ainda não sabemos. Existe uma enorme pressão para que a mídia sempre se transforme, tanto no seu conteúdo quanto na sua forma. O que torna difícil projetar um museu de mídia é essa maldição de eventos em aceleração contínua combinada com os problemas de se criar espaços que sejam virtuais, efêmeros ou destrutíveis. (KOOLHAAS, 2003, p. 33).

Ao partir desta noção de imagem e visualização percebe-se Caturité como uma imagem visualizada a partir de influências já legitimadas, de grande importância, mas por outro lado constrói uma imagem generalizada, que não traz informações das interações, o espaço urbano e como se formou, que relações têm um determinado espaço urbano para a cidade enquanto referencial. Neste sentido destacamos o Mercado, hoje desativado, no passado foi construído por João Queiroga, que pretendia atrair pessoas e oferecer condições para permanecer nas proximidades, por este senhor ser um grande proprietário agrícola, produtor de algodão, economia que disseminou, povoando e movimentando o pequeno comércio de Caturité.

Hoje a rua principal onde está localizado o Mercado, a Igreja Católica, os colégios, a unidade básica de saúde, a Prefeitura e a Câmara de Vereadores, que é o único prédio público

próprio dos três poderes, construído na gestão da então presidente Maria Santana de Sousa, centro de Caturité, traz o nome de João Queiroga.

Ao discorrer das imagens e seus respectivos significados, podemos concluir a dissociação dos fatos e seu contexto. As influências não é algo novo, percebemos no decorrer da pesquisa as influências literárias presentes nos documentos, o nome de alguns personagens não faz sentido à cultura pertencente, e sim a outra cultura. Logo entendemos que as influências são presentes ao longo dos discursos com o propósito de prender e chamar atenção do leitor, e com os avanços dos meios de comunicação as influências vão predominando de forma a passarem despercebidas.

Assim, de forma descontextualizada, a interação em recíproca vai perdendo sua dinâmica, tomando um caráter determinista. Esta maneira técnica, limitada é percebida nas salas de aula, onde a capacidade de interpretar está com os dias contados, se não estivermos nos preparando para lidar com a chuva de desinformações e focarmos no que é realmente útil, utilizando as tecnologias de forma consciente, e mostrar que este princípio é fundamental aos nossos alunos, vamos continuar a reproduzir, apenas de forma diferente e utilizando outros recursos.

## PARECERES DOCENTES

Dificuldades enfrentadas no ato de lecionar história nesta instituição:

P1- Infra- estrutura inadequada a o funcionamento básico, salas quentes e não oferece espaço físico externo a sala de aula.

P2-Alem de péssimas condições do espaço físico, tanto para os alunos como para os professores, assim escola não é nada atrativa. Falta material pedagógico, laboratório e dependências de apoio.

A escola enquanto instituição deve dar prioridade a qual fundamento pedagógico:

P1- Uma coordenação, pois o trabalho fica muito solto, sem nexos desestruturado;

P2- Contextualizar os trabalhos, oferecer material extra curricular apoiando o desenvolvimento social, para que possamos trabalhar projetos de temas transversais;

A escola do ponto de vista social- educar para vida- deixa a desejar:

P1- Falta espaço para que possamos desenvolver nossos trabalhos juntos a comunidade;

P2-Desenvolver projetos junto com a comunidade escolar;

Como trabalhar projetos interdisciplinares de pesquisa:

P1- Já está sendo desenvolvido, mas é incomodo pelo fato de não disponibilizar de estrutura, o evento da escola na escola é mais viável e será melhor desenvolvido;

P2- Infelizmente os colegas não apoiam se engajando nos bem projetos de colegas a exemplo do projeto cantigas da Natureza do colega Gilberto José.

Trabalhar um inventário tendo em vista o espaço físico escolar:

P1- Seria bom se realmente tivesse um retorno se saísse do papel;

P2- Excelente podemos assim apontar os problemas, que não são poucos, recolher um abaixo- assinado para viabilizar um novo prédio, chamar autoridades para que interditem a escola assim melhorando as condições de trabalho;

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a história do ponto de vista curricular é: discutir a didática no contexto de espaço e tempo, pensando na evolução dos processos formativos que dão origem na cultura, fontes e formas que desempenham em educar cidadãos numa sociedade fruto de organizações governamentais, institucionais, jurídicas e ideológicas” que manipulam a estruturação desta, a partir do direcionamento da educação. Entretanto a didática sofre interpretações e adaptações, quando especificado por disciplina e determina o objetivo de sua própria história, nas instituições, ocorre como uma visão do mundo em desenvolvimento, como processos culturais, que se constroem por intermédio de lutas e conflitos, desfecho do qual foge do controle do sistema. Assim de maneira limitada as massas participam do momento histórico, mas não da produção historiográficas.

O conceito de História ora limita-se à produção da História Escolar, pensada e desenvolvida através de políticas públicas; Em outro momento discutido, criticado e organizado no âmbito acadêmico, o que, mesmo levando em considerações o público-alvo dos dois momentos e a linguagem a ser abordada, entende-se por componentes distintos, seja sua produção historiográfica, seja sua abordagem: reflexiva no ato acadêmico e formativa direcionada no ensino escolar. Esta enquanto disciplina ainda sofre com descontextualização, refletindo na construção de uma identidade nacional de modismo sem traços culturais regionais.

Logo, a História só deixa de ser um simples conceito e passa a formar conhecimento, uma ciência, com base em relações de produtores, atores e seus espaços, quando investigamos, nos apropriamos e confrontamos as hipóteses. Trazer ao aluno a necessidade de apropriar-se das fontes, fazendo uma linha objetiva com os fatos e suas produções, confrontando-as à medida que surge evidências novas, ou contrárias. Instigar o educando investigador a pensar é crucial e faz parte do processo ensino-aprendizagem, para que assim possa melhor assimilar. A apropriação de um ou mais fatos em determinado período do qual não fazemos parte com a finalidade de compreendê-lo, utilizando as memórias paradigmáticas de outros, na busca dos porquês.

A História enquanto disciplina escolar, curriculum, tem expressado um caráter enfadonho, se acomodou com uma postura nacionalista, usada com o objetivo de exaltar os grandes líderes e seus feitos desconsiderando a participação de pessoas comuns.

Contextualizar o ensino de história, propondo ao aluno apropriar-se do fato, fazendo parte do estudo, seu contexto analisado e incorporados com maior propriedade, essa

experiência incorporada do caráter formador crítico, buscando objetivos e assim formando para a vida, o aluno enquanto cidadão tem direitos e deveres e é a partir do ambiente escolar que este indivíduo vai formando suas indagações, o prédio da escola as intermediações ao seu redor, que olhados como patrimônio cultural, sua preservação ou falta de políticas públicas, esta percepção crítica que vai lhe fornecer uma educação para a vida, uma postura sustentável, com base nos trabalhos realizados na escola pelos docentes da disciplina de história e o trabalho interdisciplinar de todo o corpo docente e recursos humanos da escola, a construção do indivíduo cidadão deve ser objetivo da instituição escolar como um todo.

Torna-se urgente pensarmos que, atualmente, a História, enquanto disciplina escolar consolidada, vem buscando em um período de maior autonomia, responder aos questionamentos dos vários processos humanos através do tempo e, ainda buscando preparar o cidadão para entender e participar dos processos democráticos do País, ajudando o aluno a se mover em um mundo cada vez mais multicultural e multifacetado.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, José Luciano de Queiros. História Ensinada: Linguagens e abordagens para sala de aula/ Martinho Guedes de Santos Neto (org.). João Pessoa: Ideia, 2008.
- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. “Michelet e a Apreensão ‘Total’ do Passado”. In. As Escolas Históricas. Lisboa: Europa América, S/D. (pp. 9-12)
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre as Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.
- PEREIRA, Júlio Emilio Dinis. Formação de professores – pesquisa, representações e Poder. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SILVEIRA, Maria Godoy. História Ensinada: Linguagens e abordagens para sala de aula/ Martinho Guedes dos Santos Neto (org.). João Pessoa: Ideia, 2008.
- ARRAIS, Cristiano Alencar. A Escola Metódica e o conhecimento histórico como problema: Emblemas – Revista do departamento de história e Ciências sociais – UFG/ CAC 1.2./2010.
- FONSECA, Thais Nívea de Lima. História & Ensino de História: A História como Disciplina Escolar; A História como Disciplina Escolar no Brasil.- 2. Ed.- Belo Horizonte: Autentica, 2014.
- VASCONCELOS, Iolane. A metodologia enquanto ato político da prática educativa. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Rumo a uma nova didática. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- IBGE, 2014.



# **ANEXOS**

## ANEXO A – CATURITÉ

Esta serra coberta de matas virgens e cheia de fontes d'água era habitada pela tribo Bodopitá, uma das mais valentes da raça cariri. Os brancos da Paraíba e da missão do Pilar dominavam até o pé da Borborema, nunca a tinham subido. Eram para eles regiões desconhecidas e tenebrosas. Foi quando os portugueses querendo estender o seu domínio, encarregaram ao capitão-mor Theodósio de Oliveira Ledo, de conquistar o Sertão.

Caturité, bom e grande entre os seus e chefe da tribo Bodopitá, deu o alarme entre as tribos irmãs e provocou o levante geral contra o gigante inimigo. Muitos combates renhidos foram dados, e os portugueses sempre venceram. O que valiam as flechas dos pobres indígenas contra as armas de fogo dos seus inimigos? Subindo pela margem esquerda do Rio Paraíba, o Capitão-mor aproximou-se desta serra e em último combate exterminou a tribo Bodopitá.

Caturité não morreu, apesar de ter muitas vezes afrontado a morte e de ser o último a abandonar o campo, cheio de ferimentos retirou-se e foi acolher-se nos esconderijos do alto monte, a que deixou o nome. Depressa sararam as feridas do seu corpo: mas as d'alma sangravam e sangrariam sempre, sobretudo porque Potira, sua estremecida filha, era prisioneira dos portugueses. Potira, a virgem cariri, singela e bela como a bonina, acompanhou com os demais prisioneiros o exército do Capitão-mor até o Boqueirão, onde estabeleceu o seu arraial. Caturité do seu elevado posto viu a marcha dos inimigos, viu o seu acampamento, viu finalmente que seria cercado e não quis fugir para os sucurus, a tribo irmã, que podia ainda organizar para salvar a filha e fugir com ela ou então morrer. Era noite escura. O rio Paraíba estava cheio.

Caturité desceu o alcantilado monte e atravessando o rio a nado, alcançou à margem direita, e por ela seguiu até que descobriu os fogos do arraial inimigo. Orientou-se, e segunda vez, lançou-se n'água, atravessou um braço do rio, tomando pé em uma ilha, próxima à margem esquerda, onde se achavam os portugueses. Ali chegando com infinitas precauções, subiu a uma elevada craibeira e por entre as suas densas ramagens lançou o olhar sobre o arraial. Na encosta de um outeiro, em terreno pedregoso, havia o Capitão-mor assentado o seu acampamento. Na frente tinha o rio; à direita, na direção do poente, estava a serra cornoió.

Eram os dois lados por onde poderia ser atacado, e por isto, como guerreiro experiente, escolheu um terreno, guardado por duas linhas naturais de defesa, para o seu arraial. Já havia dias que Oliveira Ledo chegara. O arraial formava um grande quadrilátero, tendo no centro a espaçosa tenda do Capitão-mor, e nas suas quatro faces via-se ao pé de

árvores as toscas palhoças dos soldados, que não dispunham de tendas, como o seu chefe. No meio do campo existiam a pequenos espaços grandes baraúnas e aroeiras. Fora à caatinga era tão fechada pelo caroá, macambira e chique-chique, cobrindo inteiramente o solo nos espaços deixados por árvores e arbustos, que era difícil penetrá-la. 11 À noite, grandes fogueiras circulavam o campo, medida necessária para afugentar as feras, e soltavam-se os cães, amestrado nessa guerra contra os indígenas, e que eram (sentidas) sentinelas mais vigilantes do que os próprios soldados.

Muitos prisioneiros tinham feito o Capitão-mor nos diversos combates, que dera contra os cariris. A presa já era importante e tornava-se preciso cumprir a lei, isto é, tirar-se os quintos para El Rei. Os prisioneiros foram entregues aos cuidados de um frade, que acompanhava a bandeira, perito no dialeto cariri, afim de doutriná-los. Potira, pela sua mocidade, pela sua beleza e, sobretudo, pela sua origem, mereceu especial atenção de Oliveira Ledo e do religioso, o qual, admirado da penetração de seu espírito, até então cercado de espessas trevas, esforçava-se pela sua conversão.

Naquela noite o religioso continuava o seu ensino aos catecúmenos, e, depois de explicar a formação do mundo, o dilúvio universal, o modo porque Noé foi salvo e a vinda do Messias anunciado, levantou a imagem do crucificado e apresentou-a a Potira dizendo: - Eis o nosso Deus! (Tupã). - Pagé dos brancos, respondeu ela – Tupã é poderoso no Céu, manda o trovão e o raio contra a terra, e não pode ser morto em uma cruz, como este vosso Deus. - O nosso Pagé, continuou ela – diz que Tamandaré foi salvo do dilúvio no olho de uma palmeira que flutuou sobre as águas.

O religioso, contristado e ao mesmo tempo admirado de semelhante raciocínio e da tenacidade com que a jovem indígena sustentava as suas absurdas crenças, empregou todos os meios de conversão, explicando os mistérios por meio de comparações e imagens, a fim de ser mais facilmente compreendido. Ao mesmo tempo fez-lhe promessas as mais sedutoras. Potira ficou perplexa. O religioso insistiu; e ela ia responder, quando ouviu ao longe o lúgubre canto do oitibó. Sobressaltou-se e disse depois de uma pausa: A filha de Caturité só pode seguir a religião de seu pai; de balde insistis, Pagé dos brancos, para que a deixe.

O religioso, sumamente penalizado pela inutilidade de seus esforços, por supor que aquela alma não quereria, nunca, deixar o erro e aceitar a luz da verdade, deu por finda a prática naquela ocasião, mandando retirar os catecúmenos. Potira e seus companheiros, algemados e presos uns aos outros com fortes cordas de caroá, dirigiram-se escoltados para as proximidades de uma grande fogueira, onde sentaram-s em círculo. Súbito ouve-se de novo o

canto de oitibó, parecendo agora partir de uma baraúna, em que Potira se recostara. 12 Cessaram todos os rumores.

O arraial dormia. Caturité dominando todo o campo inimigo do cimo da carabibeira, onde estava, viu a luz de uma fogueira os prisioneiros e entre eles Potira, a quem o religioso dirigia a palavra. Então imitou o canto do oitibó para anunciar a sua presença. Depois viu que os prisioneiros se retiravam e que tomavam posição um pouco adiante. Foi quando ouviu repetido o canto que soltara. Tinha agora a certeza de ter sido compreendido por sua filha. Esperou. Passado algum tempo, desceu da árvore, entrou no rio e mergulhando surgiu na margem oposta. Não se levantou; a posição horizontal, que guardava n'água, conservou em terra. De braços deslizou sobre o solo, sem que se ouvisse o choque de qualquer pedra, que se deslocasse ou o atrito de seu corpo sobre a erva.

Imperceptivelmente ganhou terreno aquele vulto, que se dizia imóvel, até que atingiu um penhasco isolado, à pequena distância do arraial. Lá chegando, levantou-se, amparado da pedra e de novo fez ouvir o canto do oitibó. O som agora tinha variado. A ave notívaga tem a propriedade de expedir sons vagos, indeterminados, quando voa, parecendo, assim, dar o anúncio de sua passagem. Quando, porém, pousa, o seu canto muda; a sua voz lúgubre torna-se acentuada. Assim, o oitibó tinha agora soltado o seu canto em som breve e imperativo, como se quisesse dizer: - Vem! Vem... Decorreu o espaço de alguns minutos.

De repente, a esbelta figura da jovem indígena revelou-se, e Potira, lançando-se nos braços de Caturité, diz: - Eis tua filha, Caturité! Mas fujamos, que os brancos nos perseguem. O momento era crítico. O chefe cariri tinha formado o plano de fuga, atravessando com sua filha o Paraíba, naquela ocasião barreira insuperável para os seus inimigos, mas vendo os pulsos de Potira presos com algemas, conheceu logo a impossibilidade de por em execução o seu plano. Tomou então a resolução de fugir pela margem do rio, até as fraldas da elevada serra, onde era o seu asilo. Mais rápida do que a ema do seu sertão estava agora Potira tolhida em sua carreira; mas, ainda assim, nunca seria alcançada pelos soldados portugueses que a perseguiram, se não fossem os cães, que botaram em sua pista.

A matilha sendo açulada por seis arcabuzeiros, que a seguiam de longe, alcançou o par perseguido obrigando Caturité a deixar a margem do rio, penetrando na caatinga, onde poderia melhor defender-se. 13 O guerreiro cariri tinha as suas armas, o rígido tacape e o arco com a uiruçaba cheia de setas. Entrando na caatinga dois gigantescos cães, mais audazes do que os outros se lançaram furiosos sobre eles. Caturité com a maior agilidade, duas vezes vibrou o tacape e as prostrou por terra moribundas; sacudindo-os. Em seguida, sobre o resto

da matilha, que recuou amedrontada. Teve tempo, então, de alcançar um serrote e do seu cimo Potira soltou um grito de alegria. - Jacy! - disse ela.

A lua, no quarto minguante, aparecia agora por trás de uma nuvem já elevada no horizonte. À sua luz Caturité examinou as algemas que prendiam a filha e dispôs-se a quebrá-las, muito embora ficassem contusos ou feridos os seus pulsos. Via ser impossível de outro modo a sua salvação. Escolheu uma pedra da maior rigidez e usando dela como martelo, conseguiu, sem demora, libertar a jovem indígena da infame prisão. Potira, vendo-se livre, como o passarinho que alisa as penas para o rápido vôo, ajeitou a sua arassoia e despediu-se em carreira veloz por uma clareira do bosque.

A matilha continuou a persegui-los; mas já não acometiam, esperava que seus senhores chegassem para darem cabo da caça. E essa caçada humana, semelhante à do jaguar, continuou pelo resto da noite e com o aparecimento do dia. Subindo a serra, já dia claro Caturité tomou posição ao pé do grande jucá, que ainda lá existe e dispôs-se a exterminar o resto da matilha. Uma primeira seta, que disparou, pôs fora de combate um dos cães e o outro que restava abrigou-se por trás de uma árvore no cerrado da mata. Nesse momento assomou um dos arcabuzeiros, e Caturité, que já tinha o seu arco preparado, cravou-lhe uma seta na garganta.

Os outros portugueses apareceram logo e quando o chefe indígena disparou de novo o seu arco, estrondou uma descarga de quatro tiros. Potira, ferida no peito por uma bala, inclinou a fronte ia cair, quando Caturité, soltando um terrível grito, segurou-a, levantando-a em seus hercúleos braços. Então recuou alguns passos, sempre com os olhos fitos nos seus inimigos, até que se aproximou do despenhadeiro. Conservando sua filha exânime, reclinada sobre seu ombro e sustentando o seu corpo com um dos braços, Caturité voltou-se rapidamente e dando prodigioso salto, foi cair sobre os galhos de um frondoso jatobá e desapareceu no abismo.

(JOFFILY, 1977, p.423-431).

**ANEXO B – FOTOS****Figura 1-** Mercado desativado**Figura 2-** Igreja Católica



**Figura 3-** Sala de aula



**Figura 4-**Sala de aula



**Figura 5-**Sala de aula



**Figura 6-** Sala de aula





**Figura 7** – Sala de aula



**Figura 8** – Sala de aula



**Figura 9** – Sala de aula



**Figura 10** – Sala de aula



**Figura 11** – Sala dos Professores



**Figura 12** – Sala de aula